

**CANÇÕES DO CLUBE DA ESQUINA
À LUZ DA ESTILÍSTICA**

Jorge Moutinho

jorgemoutinho@terra.com.br

Pode-se dizer que o estilo é o homem, o pensamento, a obra, a expressão inevitável e orgânica de um modo individual de experiência, assim como o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve. Estas são algumas das diversas definições dadas por especialistas no assunto e que foram reunidas em obra de referência sobre o estudo da estilística (Martins, 2000). Para Charles Bally, esta disciplina estuda os fatos da expressão da linguagem, organizada segundo o seu conteúdo afetivo, ou seja: a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade (Bally, 1957).

No final dos anos 1960, um grupo de cantores, compositores, letristas e instrumentistas começou a se reunir em Minas Gerais para produzir um tipo de música que atrai admiradores até os dias de hoje. Desse grupo, que seria depois conhecido como Clube da Esquina, faziam (e ainda fazem) parte letristas como Fernando Brant, Márcio Borges e Ronaldo Bastos, entre outros, além de Milton Nascimento, artista que é o próprio símbolo desse “Clube” e que também é letrista, apesar de ser mais conhecido como cantor e compositor. Analisar aspectos do repertório do Clube da Esquina à luz da estilística é a proposta deste minicurso, explorando as diversas referências que contêm as letras dessas canções (suas inter-relações com a mineiridade e com a cultura brasileira como um todo, incluindo as referências internacionais).

Ao se eleger o Clube da Esquina como tema de estudo, deve-se salientar inicialmente que esse “Clube” não é na verdade um movimento musical, tampouco tem (nunca teve) uma sede constituída. Trata-se, em essência, de uma espécie de “filosofia” de um grupo de amigos interessados em fazer música (e letra) que foi se reunindo ao redor da figura aglutinadora do artista Milton Nascimento. Lembre-se aqui Spitzer (1968), para quem toda obra constitui um todo, em

LIVRO DOS MINICURSOS

cujos centro se encontra o espírito de seu criador, que é o princípio de coesão interna da obra. Desse modo, o espírito do autor-criador é uma espécie de Sistema Solar para cuja órbita são atraídas todas as coisas. A linguagem e o enredo, isto é, os temas das letras associadas a determinadas melodias, que representam “histórias” contadas por meio dos signos que compõem essa linguagem, são como satélites dessa entidade que é o espírito do autor. Uma vez que o foco do estudo aqui realizado é a análise de canções à luz da estilística, aprofundar aspectos referentes à história (mais propriamente as histórias) do Clube da Esquina e de sua figura central estaria além dos limites deste trabalho. Para tanto, recomenda-se a leitura de obras referenciadas sobre o assunto (Duarte, 2006; Bueno, 2008; Borges, 2009).

Inicialmente, ao se investigar um repertório tão vasto como o do Clube da Esquina, é necessário que se faça uma seleção de canções conforme a intenção do trabalho a ser desenvolvido. Estabeleceram-se aqui os seguintes critérios: composições do início da carreira de Milton Nascimento (com letra e música só dele), seus parceiros mais frequentes (Márcio Borges, Fernando Brant e Ronaldo Bastos) e suas parcerias eventuais com letras bastante significativas (Carlos Drummond de Andrade e Ruy Guerra, por exemplo).

Tome-se como ponto de partida *Três Pontas* (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). A canção traz no título o nome da cidade mineira em que Milton (nascido carioca) foi criado, apesar de a letra não fazer referência explícita a ela. O personagem central é o trem, figura emblemática para os mineiros em especial e que deslumbrou o compositor já na infância:

Qual não foi a surpresa – e o encanto – ao descobrir na viagem para Minas um maravilhoso mundo apresentado pelos trilhos das estradas de ferro?! (...) Ao subir no trem de aço e depois na maria-fumaça, Bituca [apelido de Milton desde criança] empreendeu a primeira grande travessia da sua vida. (Duarte, 2006, p. 31)

A presença do trem, portanto, é um elemento constante e traço de união de parte do repertório do Clube da Esquina, como atestam canções como *Ponta de Areia*, *Encontros e despedidas* (ambas de Milton Nascimento e Fernando Brant), *Trem de doido* (Lô Borges e Márcio Borges) e *Morro Velho* (Milton Nascimento), por exemplo, além da própria *Três Pontas*: “Anda, minha gente / Vem depressa, na estação, / Pra ver o trem chegar / É dia de festa / E a cidade se enfeita

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

para ver / O trem / Quem é bravo fica manso / Quem é triste se alegra (...). As imagens reunidas nesta letra remetem ao universo de sensações provocadas pela figura simbólica do trem, que ao mesmo tempo representa a chegada e a partida, o encontro e a despedida. O trem poderia ser chamado aqui de “termo identificador”, aproveitando o conceito de Rodrigues Lapa:

Aquela [palavra] que reunir a ideia comum a todas as outras, que puder substituir-se a todas elas sem grande prejuízo de significação, é chamada em Estilística o *termo identificador*. A esse termo fundamental, que traduz a ideia pura, condensada, se referem todos os outros. (Rodrigues Lapa, 1988, p. 27, destaque no original)

A ideia de liberdade transmitida pelo trem, com seu contínuo ir-e-vir, é transposta para o mar ou o rio em *Cais* (também de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos): “Para quem quer se soltar invento o cais / Invento mais que a solidão me dá / Invento lua nova a clarear / (...) / Invento o cais / E sei a vez de me lançar.” O cais é o próprio termo identificador (Rodrigues Lapa, 1988) da letra da canção, palavra exata que confere a “temperatura” adequada às ideias e às circunstâncias envolvidas na canção, conforme assevera Cressot:

Qualquer que seja a coisa que pretendemos dizer, há apenas uma palavra para exprimi-la, aquela que traduz o pensamento com uma exatidão a um tempo qualitativa e quantitativa. Daí o esforço a que nos entregamos, as rasuras sucessivas até atingirmos ou julgarmos atingir o termo certo. (Cressot, s.d., 56)

E o que faz o escritor de letras de música se não rasuras sucessivas, até a palavra se encaixar adequadamente na melodia ou vice-versa? O próprio Ronaldo Bastos afirmou, no início de sua carreira:

Para mim é igualmente fácil fazer um texto primeiro, pensando em música, ou letrar uma música já feita (*Trastevere* está na primeira categoria, *Fé cega, faca amolada* [ambas parcerias de Ronaldo com Milton Nascimento] na segunda. Mas é muito mais gratificante colocar uma letra depois, pelo que te exige de atenção, apuro e sensibilidade. Eu trabalho com o texto como uma escultura, como um trabalho braçal. Uma vez dominada a técnica, é muito fácil fazer umas trinta letras por mês, mas eu prefiro fazer uma a cada três meses. Não acho que isso seja preciosismo: é amor, é amor a um ofício, ao material com que você lida, a palavra. (Bahiana, 1980, p. 187)

É justamente esse trabalho braçal, esse “lapidar o verso”, que costuma conferir características estilísticas aos escritores, seja na li-

LIVRO DOS MINICURSOS

teratura em geral, seja na elaboração de textos para serem cantados (“Lapidar minha procura toda / Trama lapidar”, como está no início de *Anima*, composição de Zé Renato e Milton Nascimento).

As letras do repertório do Clube da Esquina não costumam ter estruturas métricas fixas nem rimas, o que só ocorre eventualmente. Um exemplo é *Travessia*, primeira parceria de Milton com Fernando Brant, em que registram-se as rimas chorar/lugar/falar, sonhar/terminar/matar, viver/sofrer/viver. Uma das composições mais conhecidas da dupla, ainda hoje é muito executada nas rodas de violão caseiras em todo o Brasil. Destaque-se a intertextualidade entre o título da canção e a obra *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1994), conforme os relatos de Duarte (2006) e Borges (2009), o que reforça a mineiridade da travessia empreendida pelo enunciador do texto (o personagem que vive a história contada pela canção). É mais um detalhe estilístico que coloca o ouvinte/leitor ainda mais próximo do universo de referências da canção.

Todo detalhe deve permitir que penetremos no centro da obra, já que esta constitui um todo, no qual cada detalhe está motivado e integrado. Uma vez no centro, teremos uma visão do conjunto dos detalhes. Um pormenor convenientemente assinalado nos dará a chave da obra (...). (Guiraud, 1978, p. 98, destaque no original)

A religiosidade católica, fortemente associada à tradição mineira, é marcante em determinadas canções relacionadas ao Clube da Esquina, como *Beco do Mota* (Milton Nascimento e Fernando Brant) e *Paixão e fé* (Tavinho Moura e Fernando Brant). Na primeira, marca-se o Beco do Mota, antiga zona de prostituição de Diamantina (MG), terra natal do ex-presidente Juscelino Kubitschek, como um símbolo não só de mineiridade como também de brasilidade:

Profissão deserta, deserta
Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu país
Na porta do beco estamos
Procissão deserta, deserta
Nas portas da arquidiocese desse meu país
Diamantina é o Beco do Mota
Minas é o Beco do Mota
Brasil é o Beco do Mota
Viva o meu país!

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A cada vez que o nome daquela localidade diamantinense é repetido no final da letra amplia-se a sua carga semântica, transportando-a de simples beco para símbolo de um Brasil maior, levando-se ainda em conta que a canção foi composta no período em que o país sofria as agruras do regime militar. O Beco do Mota funciona então como uma unidade semântica (Palmer, s.d.) que motiva as demais associações de ideias contidas na letra.

Paixão e fé traz o clima dos preparativos das procissões solenes da Semana Santa e de Corpus Christi em Minas Gerais, com tapetes de serragem e intensa participação popular, num universo bastante familiar aos autores da canção (Tavinho Moura e Fernando Brant): “E sai o povo pelas ruas a cobrir / De areia e flores as pedras do chão / Nas varandas, vejo as moças e os lençóis / Enquanto passa a procissão / Louvando as coisas da fé”. A religiosidade aparece aqui como um forte traço estilístico de canções associadas ao Clube da Esquina, refletindo as influências socioculturais de seus participantes. Afinal, é a experiência vivida que identifica e autentica o real, segundo Guiraud (s.d.). Ressaltem-se as “ruas capistranas”, com sua sonoridade e conteúdo semântico, dos versos finais: “Já bate o sino, bate no coração / E o povo põe de lado a sua dor / Pelas ruas capistranas de toda cor / Esquece a sua paixão / Para viver a do Senhor.” Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “capistrana”, regionalismo de uso informal em Diamantina, é a pavimentação com grandes lajes, no centro da rua, formando uma espécie de calçada. Resulta do antropônimo Capistrano, do conselheiro João Capistrano, presidente da Província de Minas Gerais, que as mandou colocar nas ruas de Ouro Preto (Houaiss & Villar, 2001). É por essas mineiras ruas capistranas, portanto, que passam as procissões, reais e simbólicas, cantadas em *Paixão e fé*.

E daí?, música de Milton Nascimento e cinematográfica letra do moçambicano Ruy Guerra, feita para o filme *A queda*, dirigido por este último, chama a atenção pelo inusitado das imagens contidas nos versos:

Tenho nos olhos quimeras
Com o brilho de trinta velas
Do sexo pulam sementes
Explodindo locomotivas
Tenho os intestinos roucos
Num rosário de lombrigas

LIVRO DOS MINICURSOS

Os meus músculos são poucos
Pra essa rede de intrigas
Meus gritos afro-latinos (...)

Essa profusão de imagens exóticas é característica das letras de Ruy em parceria com Milton, como também sugere *Canto latino*: “Pra viver nesse chão duro / Tem de dar fora o fulano / Apodrecer o maduro / Pois esse canto latino / Canto para americano / E se morre vai menino / Montado na fome ufano (...)”. Emolduradas por melodias, essas palavras ganham contornos específicos, o que reforça sua carga semântica. “Há palavras foneticamente motivadas, nas quais existe um vínculo entre o som e o sentido” (Guiraud, 1978, p. 83). Assim, as composições de Milton e Ruy caracterizam-se estilisticamente pelos versos ricos em imagens extremamente visuais, marca do poeta-cineasta que os criou. “Sem dúvida, as palavras que chocam mais a sensibilidade possuem mais expressividade e, por conseguinte, maior valor estilístico” (Vilanova, 2001, p. 48).

A canção *Clube da Esquina*, primeira parceria de Milton com Lô Borges, recebeu letra de Márcio Borges e funcionaria como nome de “batismo” para aquele grupo de amigos que se reunia para cantar e compor na Belo Horizonte da virada dos anos 60 para os 70. O “Clube” era na verdade a esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis, perto de onde morava a família Borges (que incluía Márcio e Lô, entre 11 irmãos), no bairro de Santa Tereza da capital mineira. Ali se encontravam amigos como Lô e Beto Guedes (também cantor, compositor e instrumentista) para prostrar e “levar um som”, como se costumava dizer. Para destacar a importância da cumplicidade do trabalho em parceria dos participantes do Clube da Esquina, registrem-se aqui as comovidas impressões de Márcio Borges sobre as suas primeiras parcerias com Milton, nas canções que chamavam de “filhas”, o que depois também certamente se aplicaria aos versos que faria para as composições de seu irmão Lô:

A súbita capacidade de parir aos jorros tantas obras pessoais, originais, nos lançara como que para fora do mundo. A gente se isolava, refletia sobre as mazelas que tinha diante dos olhos, representadas sobejamente pela barra pesada, pela repressão da ditadura, e criava uma representação musical da ternura, do amor e da ira que tais reflexões suscitavam. (Borges, 2009, 60-61)

O depoimento de Márcio reflete bem o momento político vivido no Brasil na época do regime militar, em que a arte – no caso

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

específico, o texto musical – funcionava como válvula de escape para compositores e letristas darem o seu recado vislumbrando um Brasil com condições mais dignas de sobrevivência (“um grande país eu espero”...). Eis os versos iniciais de *Clube da Esquina*:

Noite chegou outra vez,
De novo na esquina
Os homens estão
Todos se acham mortais
Dividem a noite, a lua, até solidão
Nesse clube, a gente sozinha se vê
Pela última vez
À espera do dia, naquela calçada
Fugindo de outro lugar

A noite, a lua e até a solidão são divididas pelos integrantes desse clube. Mas por trás da noite que chegou outra vez, há a espera por um dia novo, em um novo lugar. Como disse Stuart Hall (2005), as palavras são multimoduladas, carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento. É o sentido da palavra que leva à busca de efeitos musicais num determinado grupo de sons. E a expressividade faz das palavras, instintivamente, cabos elétricos da mais alta tensão (Câmara Jr., 1978). Em *Clube da Esquina*, esses “cabos elétricos” estão a serviço da “alta tensão” contida na letra: um grande país esperado, um insuspeitado futuro nas mãos do enunciatador do texto, um novo “encontrarei”; janelas se abrirão ao negro do mundo lunar, outro dia virá e o corpo vencerá a manhã – naquela esquina, mas ao mesmo tempo fugindo pra outro lugar. Tal uso expressivo leva a linguagem a se tornar um fenômeno simbólico inseparável da cultura, constituindo um complexo de ideias com significados próprios que traduzem realidades inseridas nessa cultura. A canção tornou-se tão emblemática para a geração desse grupo de músicos que emprestaria seu título a outra: *Clube da Esquina 2*, cujas palavras-chaves pode-se dizer que são o sonho, a amizade, a esperança – afinal, “os sonhos não envelhecem”, como apregoa o verso que daria nome ao livro de Márcio Borges, autor da letra (Borges, 2009).

Na obra *História & Música: história cultural da música popular*, Napolitano (2002) relaciona alguns parâmetros poéticos para se analisarem as letras de canções:

a Mote (tema geral da canção);

LIVRO DOS MINICURSOS

- b) Identificação do “eu poético” e seus possíveis interlocutores (“quem” fala através da “letra” e “para quem” fala);
- c) Desenvolvimento: qual a fábula narrada (quando for o caso); quais as imagens poéticas utilizadas; léxico e sintaxe predominantes;
- d) Forma: tipos de rimas e formas poéticas;
- e) Ocorrência de figuras e gêneros literários (alegoria, metáfora, metonímia, paródia, paráfrase etc.);
- f) Ocorrência de intertextualidade literária (citação de outros textos literários e discursos. (Napolitano, 2002, p. 98)

O conteúdo de praticamente todos esses quesitos já foi contemplado nas interpretações empreendidas até aqui. Com relação ao item b, “quem” fala por meio da letra e “para quem”, tome-se como exemplo a canção *Pai Grande*, música e letra de Milton Nascimento, a qual prova que o compositor também é um grande letrista, sem depender de seus parceiros (*Canção do sal* e *Que bom, amigo* representam outros belos exemplos disso): “Meu pai grande / Inda me lembro / E que saudade de você / Dizendo: ‘Eu já criei seu pai, / Hoje vou criar você, / Inda tenho muita vida pra viver’ (...)” Aqui o enunciador louva seu “Pai Grande”, exaltando sua raça e o que aprendeu com ele. As imagens poéticas enaltecem essa figura, com quem ele aprendeu a sentir “um amor tão longe de mentiras”. As imagens são apresentadas seguindo um ritmo expressivo, adequado à marcha do pensamento e às flutuações da emoção. Esse ritmo expressivo, em estilística, é

um suporte sensível à comunicação intelectual, um acalanto, um ajuste aos ouvidos e, através deles, à imaginativa, uma como realização plástica do significado, qualquer coisa como aquela tentativa de Walt Disney, em *Fantasia*, de ir traduzindo visualmente a música. (Melo, 1976, p. 104)

Uma mesma melodia pode ter duas letras distintas, independentes e simultaneamente complementares, resultando em duas canções que podem ser gravadas de forma individual (Gonzaguinha gravou a primeira versão, apenas) ou uma em sequência à outra (gravação de Milton Nascimento com Elis Regina). É o caso de *O que foi feito deverá* e *O que foi feito de Vera*, música de Milton com letra de Fernando Brant, no primeiro caso, e de Márcio Borges, no segundo. Como traços estilísticos que as unem, novamente as referências à amizade, aos sonhos, ao futuro que virá (“Outros outubros virão, outras manhãs / Plenas de sol e de luz”). Nos versos “Quando o cansa-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ço era rio e rio qualquer dava pé / E a cabeça rolava num gira girar de amor”, note-se a intertextualidade: *Gira girou* é o nome de outra canção de Milton com letra do próprio Márcio Borges, incluída no primeiro LP do artista. O mesmo ocorre com “outubros”, em verso já citado da letra de Fernando: *Outubro* é o título de outra parceria dele com Milton, igualmente incluída no disco de estreia do artista.

Também consta na relação de parceiros de Milton Nascimento o itabirano Carlos Drummond de Andrade, considerado um dos maiores poetas brasileiros inclusive por outro grande poeta, o pernambucano Manuel Bandeira: “...sei, de ciência certa, que sou um poeta menor. Em tais altas paragens só respira à vontade entre nós, atualmente, o poeta que escreveu o *Sentimento do mundo* e a *Rosa do povo*” (Bandeira, 1997, p. 343). Em *Canção amiga*, a melodia parece ainda mais delicada do que o poema, que começa com a louvação maternal e caminha para o amor universal, subjazendo o sentimento forte da amizade, tão caro aos integrantes do Clube da Esquina: “Eu preparo uma canção / Que faça acordar os homens / E adormecer as crianças.”

Amizade, liberdade, bem-estar, alegria e sonho estão entre as imagens constantes também em *Vevecos, panelas e canelas*, letra de Fernando Brant e música de Milton Nascimento. Gravação original de Beto Guedes, foi regravada pelo próprio Fernando Brant juntamente com Tavinho Moura, ocasião em que o verso “Para quem não me conhece eu sou assim mesmo” foi transformado em “Para quem não me conhece eu sou é mineiro”, caracterizando bem a referência regional da composição. Nesta canção, substantivos como “Luz de vela, rio, peixe, homem, pedra, mar / Sol, lua, vento, fogo, filho, pai e mãe, mulher” são consideradas “palavras simples, boas de cantar” pelo próprio autor da letra. Como acentuou Monteiro (1991, p. 48),

A expressividade é, muitas vezes, um achado. Ou seja: de uma pluralidade de meios de expressão alguém consegue de repente encontrar a frase ou mesmo a palavra que mais sintoniza com o contexto ou situação, que surpreende e encanta, que gera um acúmulo de evocações.

Essas surpresas e determinadas evocações (trem, amizade, esperança, religiosidade, sonhos, despedidas, encontros etc.) são constantes no repertório das canções relacionadas ao chamado Clube da Esquina, como se procurou mostrar aqui nos poucos exemplos apre-

LIVRO DOS MINICURSOS

sentados, que fazem parte de um grande universo de composições que incluem autores como Toninho Horta, Wagner Tiso, Flávio Venturini e Murilo Antunes, entre outros. Para não ultrapassar os limites deste texto, tome-se como arremate uma canção simbólica da união da mineiridade com as referências internacionais, nessa fusão de influências culturais que também caracteriza estilisticamente a produção literomusical desse “clube”. É uma espécie de “desabafo”, dirigido a dois dos quatro rapazes de Liverpool, feito por Lô Borges com letra de seu irmão Márcio e de Fernando Brant. Embora os ingleses pudessem não saber do lixo ocidental, deveriam saber que todo dia é dia de viver; embora eles não pudessem ver o lado ocidental do enunciador do texto da canção, não precisavam ter medo, muito menos timidez: trata-se simplesmente de um recado simbólico de alguns mineiros para aqueles que, com sua música, influenciaram decisivamente gerações de admiradores mundo afora, como especialmente esse grupo de cantores, compositores e instrumentistas: “Eu sou da América do Sul / Eu sei, vocês não vão saber / Mas agora sou *cowboy* / Sou do ouro, eu sou vocês / Sou do mundo, sou Minas Gerais.” Um recado de Minas para o mundo, bem no estilo do Clube da Esquina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes*: MPB nos anos 70. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. In: BANDEIRA, Manuel. *Seleção de prosa*. Organização Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 295-360.

BALLY, Charles. *El Lenguaje y la Vida*. 3ª ed. Tradução Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1957.

BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem*: histórias do Clube da Esquina. 5ª ed. São Paulo: Geração, 2009.

BUENO, Andréa dos Reis Estanislau. *Coração americano*: 35 anos do Clube da Esquina. Belo Horizonte: Prax, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CRESSOT, Marcel. *O estilo e suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, s./d.

DUARTE, Maria Dolores Pires do Rio. *Travessia: a vida de Milton Nascimento*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. 2ª ed. Tradução Miguel Mailliet. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 47-65.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (versão eletrônica: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001).

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. (Biblioteca Universitária de Língua e Linguística, 8)

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PALMER, F. R. *A semântica*. Lisboa: Edições 70, [s./d.].

RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v.2, p.11-385.

SPITZER, Leo. *Linguística e história literária*. 2ª ed. Tradução José Perez Riesgo. Madri: Gredos, 1968.

VILANOVA, José Brasileiro. *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Recife: A. F. Viana, 2001.

LIVRO DOS MINICURSOS

ANEXO

Este anexo reúne, para fins didáticos, letras de músicas do repertório do Clube da Esquina.

<i>Três Pontas</i> (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)	<i>Travessia</i> (Milton Nascimento e Fernando Brant)
Anda, minha gente Vem depressa, na estação, Pra ver o trem Chegar É dia de festa E a cidade se enfeita para ver O trem Quem é bravo fica manso Quem é triste se alegra E olha o trem Velho, moço e criança Todo mundo vem correndo Para ver Rever gente que partiu Pensando um dia em voltar Enfim, voltou No trem E voltou contando histórias De uma terra tão distante do mar Vem trazendo esperança para quem quer Nessa terra se encontrar E o trem...	Quando você foi embora Fez-se noite em meu viver Forte eu sou, mas não tem jeito Hoje eu tenho que chorar Minha casa não é minha, E nem é meu este lugar Estou só e não resisto, Muito tenho pra falar Solto a voz nas estradas, Já não quero parar Meu caminho é de pedra, Como posso sonhar Sonho feito de brisa, Vento vem terminar Vou fechar o meu pranto Vou querer me matar Vou seguindo pela vida Me esquecendo de você Eu não quero mais a morte, Tenho muito que viver Vou querer amar de novo E se não der, não vou sofrer Já não sonho, hoje faço Com meu braço o meu viver

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cais (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)	Beco do Mota (Milton Nascimento e Fernando Brant)
<p>Para quem quer se soltar invento o cais Invento mais que a solidão me dá Invento lua nova a clarear Invento o amor</p> <p>E sei a dor de me lançar Eu queria ser feliz Invento o mar Invento em mim o sonhador Para quem quer me seguir</p> <p>Eu quero mais Tenho o caminho do que sempre quis E um saveiro pronto pra partir Invento o cais E sei a vez de me lançar</p>	<p>Clareira na noite, na noite Procissão deserta, deserta Nas portas da arquidiocese desse meu país Profissão deserta, deserta Homens e mulheres na noite Homens e mulheres na noite desse meu país Nessa praça não me esqueço E onde era o novo fez-se o velho Colonial vazio Nessas tardes não me esqueço E onde era o vivo fez-se o morto Aviso pedra fria Acabaram com o beco Mas ninguém lá vai morar Cheio de lembranças vem o povo Do fundo escuro beco Nessa clara praça se dissolveu Pedra, padre, ponte, muro E um som cortando a noite escura Colonial vazia Pelos sombras da cidade Hino de estranha romaria Lamento água viva Acabaram com o beco Mas ninguém lá vai morar Cheio de lembranças vem o povo Do fundo escuro beco Nessa clara praça se dissolveu Profissão deserta, deserta Homens e mulheres na noite Homens e mulheres na noite desse meu país Na porta do beco estamos Procissão deserta, deserta Nas portas da arquidiocese desse meu país Diamantina é o Beco do Mota Minas é o Beco do Mota Brasil é o Beco do Mota Viva o meu país!</p>

LIVRO DOS MINICURSOS

<p><i>Paixão e fé</i></p> <p>(Tavinho Moura e Fernando Brant)</p> <p>Já bate o sino, bate na catedral E o som penetra todos os portais A igreja está chamando seus fiéis Para rezar por seu Senhor Para cantar a Ressurreição E sai o povo pelas ruas a cobrir De areia e flores as pedras do chão Nas varandas, vejo as moças e os lençóis Enquanto passa a procissão Louvando as coisas da fé Velejar, velejei No mar do Senhor Lá eu vi a fé e a paixão Lá eu vi a agonia da barca dos homens Já bate o sino, bate no coração E o povo põe de lado a sua dor Pelas ruas capistranas de toda cor Esquece a sua paixão Para viver a do Senhor</p>	<p><i>Clube da Esquina</i></p> <p>(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)</p> <p>Noite chegou outra vez, De novo na esquina Os homens estão Todos se acham mortais Dividem a noite, a lua, até solidão Nesse clube, a gente sozinha se vê Pela última vez À espera do dia, naquela calçada Fugindo de outro lugar</p> <p>Perto da noite estou O rumo encontro nas pedras Encontro de vez Um grande país eu espero Espero do fundo da noite chegar Mas agora eu quero tomar suas mãos Vou buscá-la onde for Venha até a esquina Você não conhece o futuro Que tenho nas mãos</p> <p>Agora as portas vão todas se fechar No claro do dia, um novo encontrarei E no Curral D'El-Rey, Janelas se abram ao negro do mundo lunar Mas eu não me acho perdido Do fundo da noite partiu minha voz Já é hora do corpo vencer a manhã Outro dia já vem E a vida se cansa Na esquina fugindo, Fugindo pra outro lugar</p>
--	--

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Clube da Esquina 2	E daí?
(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)	(Milton Nascimento e Ruy Guerra)
Porque se chamava moço Também se chamava estrada Viagem de ventania Nem lembra se olhou pra trás Ao primeiro passo, aço, aço, aço...	Tenho nos olhos quimeras Com o brilho de trinta velas Do sexo pulam sementes Explodindo locomotivas Tenho os intestinos roucos Num rosário de lombrigas Os meus músculos são poucos Pra essa rede de intrigas Pra essa rede de intrigas Meus gritos afro-latidos Implodem, rasgam, esganam E nos meus dedos dormidos A lua das unhas ganem E daí?
Porque se chamavam homens Também se chamavam sonhos E sonhos não envelhecem Em meio a tantos gases lacrimogê- neos Ficam calmos, calmos, calmos...	Meu sangue de mangue sujo Sobe a custo, a contragosto E tudo aquilo que fujo Tirou prêmio, aval e posto Entre hinos e chicanas Entre dentes, entre dedos No meio dessas bananas Os meus ódios e os meus medos E daí?
E lá se vai mais um dia...	Iguarias na baixela Vinhos finos nesse odre E nessa dor que me pela Só meu ódio não é podre Tenho séculos de espera Nas contas das minhas costelas Tenho nos olhos quimeras Com o brilho de trinta velas E daí?
E basta contar compasso E basta contar consigo Que a chama não tem pavio De tudo se faz canção E o coração na curva de um rio, rio, rio... De tudo se faz canção E o coração na curva de um rio, rio, rio...	
E lá se vai mais um dia...	
E o rio de asfalto e gente Entorna pelas ladeiras Entope o meio-fio Esquina mais de um milhão Quero ver então a gente, gente, gen- te...	

LIVRO DOS MINICURSOS

E lá se vai...	
----------------	--

<i>Pai Grande</i> (Milton Nascimento)	<i>O que foi feito deverá</i> (Milton Nascimento e Fernando Brant)
Meu pai grande Inda me lembro E que saudade de você Dizendo: “Eu já criei seu pai, Hoje vou criar você, Inda tenho muita vida pra viver” Meu pai grande Quisera eu ter sua raça pra contar A história dos guerreiros Trazidos lá do longe Trazidos lá do longe Sem sua paz De minha saudade sem você con- tar: “De onde eu vim É bom lembrar Todo homem de verdade Era forte e sem maldade Podia amar Podia ver Todo filho seu Seguindo os passos E um cantinho pra morrer” Pra onde eu vim Não vou chorar Já não quero ir mais embora Minha gente é essa agora Se estou aqui Eu trouxe de lá Um amor tão longe de mentiras Quero a quem quiser me amar	O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou O que foi feito da vida, o que foi feito do amor Quisera encontrar aquele verso menino Que escrevi há tantos anos atrás Falo assim com saudade, falo assim por saber Se muito vale o já feito, mais vale o que será Mais vale o que será E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir Falo assim sem tristeza, falo por acredi- tar Que é cobrando o que fomos que nós i- remos crescer Nós iremos crescer Outros outubros virão, outras manhãs Plenas de sol e de luz

LIVRO DOS MINICURSOS

<p><i>Vevecos, panelas e canelas</i></p> <p>(Milton Nascimento e Fernando Brant)</p> <p>Eu não tenho compromisso, eu sou biscateiro Que leva a vida como um rio desce para o mar Fluindo naturalmente como deve ser Não tenho hora de partir, nem ho- ra de chegar Hoje eu tô de bem com a vida, tô no meu caminho Respiro com mais energia o ar do meu país Eu invento coisas e não paro de sonhar Sonhar já é alguma coisa mais que não sonhar</p> <p>Para quem não me conhece, eu sou brasileiro Um povo que ainda guarda a mar- ca interior Para quem não me conhece, eu sou assim mesmo (eu sou é minei- ro) De um povo que ainda olha com pudor Que ainda vive com pudor Queria fazer agora uma canção alegre Brincando com palavras simples, boas de cantar Luz de vela, rio, peixe, homem, pedra, mar Sol, lua, vento, fogo, filho, pai e mãe, mulher</p>	<p><i>Para Lennon e McCartney</i></p> <p>(Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant)</p> <p>Porque vocês não sabem do lixo oci- dental Não precisam mais temer Não precisam da solidão Todo dia é dia de viver</p> <p>Porque você não verá meu lado ociden- tal Não precisa medo, não Não precisa da timidez Todo dia é dia de viver</p> <p>Eu sou da América do Sul Eu sei, vocês não vão saber Mas agora sou <i>cowboy</i> Sou do ouro, eu sou vocês Sou do mundo, sou Minas Gerais</p>
--	--

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<p><i>O que foi feito de Vera</i> (Milton Nascimento e Márcio Borges)</p> <p>Alertem todos, alarmas, que o ho- mem que eu era voltou A tribo toda reunida razão dividida ao sol Em nossa Vera Cruz Quando o descanso era luta pelo pão E aventura sem par Quando o cansaço era rio e rio qualquer dava pé E a cabeça rolava num gira girar de amor E até mesmo a fé Não era cega nem nada, era só Nuvem no céu e raiz Hoje essa vida só cabe na palma da minha paixão De Vera nunca se acabe, abelha fa- zendo o seu mel No pranto que criei Nem vá dormir como pedra e es- quecer O que foi feito de nós</p>	<p><i>Canção amiga</i> Milton Nascimento e Carlos Drummond de Andrade)</p> <p>Eu preparo uma canção Em que minha mãe se reconheça Todas as mães se reconheçam E que fale como dois olhos Caminho por uma rua Que passa em muitos países Se não me vêem, eu vejo E saúdo velhos amigos Eu distribuo um segredo Como quem ama ou sorri No jeito mais natural Dois carinhos se procuram Minha vida, nossas vidas Formam um só diamante Aprendi novas palavras E tornei outras mais belas Eu preparo uma canção Que faça acordar os homens E adormecer as crianças</p>
---	--

<p><i>Que bom, amigo</i> (Milton Nascimento)</p> <p>Que bom, amigo Poder saber outra vez que estás comigo Dizer com certeza outra vez a pala- vra amigo Se bem que isso nunca deixou de ser</p>	<p>Que bom, amigo Poder dizer o teu nome a toda hora A toda gente Sentir que tu sabes Que estou pro que der contigo Se bem que isso nunca deixou de ser</p> <p>Que bom, amigo Saber que na minha porta A qualquer hora Uma daquelas pessoas que a gente espera Que chega trazendo a vida</p>
---	--